

ENTRE MEDALHAS E INVISIBILIDADE: A DISCRETA COBERTURA DO JUDÔ FEITA PELO SITE DO GLOBO ESPORTE

BETWEEN MEDALS AND INVISIBILITY: THE DISCREET JUDO COVERAGE BY GLOBO ESPORTE'S WEBSITE

Eduardo Ritter ¹

Resumo

Desde que foi ao ar pela primeira vez em 1978, o programa Globo Esporte se tornou um dos mais populares do Brasil. O sucesso na TV levou à criação do site do programa esportivo, em 2005, com o intuito de realizar a cobertura do cenário esportivo brasileiro para além da limitação temporal da televisão. Todavia, o que se percebe é uma sobre-representação do futebol em detrimento de outras modalidades. Uma delas é o judô, esporte que mais conquistou medalhas olímpicas para o Brasil na história. Neste artigo, valendo-se da Análise de Conteúdo, foram analisadas as escassas matérias publicadas sobre o esporte no mês de março de 2024, mesmo ano em que ocorre as Olimpíadas de Paris. Foram identificados apenas nove textos publicados no site sobre judô, sendo que a maioria são coberturas de conquistas de medalhas brasileiras em competições internacionais, sem um acompanhamento sistemático do esporte.

Palavras-chave

jornalismo esportivo; judô; *Globo Esporte*; outros esportes; análise de conteúdo.

Abstract

Since it first aired in 1978, the program Globo Esporte has become one of the most popular in Brazil. Its success on TV led to the creation of the sports program's website in 2005 with the aim of covering the Brazilian sports scene beyond the time constraints of television. However, what is noticeable is an over-representation of football at the expense of other sports. One such sport is judo, which has won more Olympic medals for Brazil than any other in history. In this article, using Content Analysis, the few articles published about the sport in March 2024, the same year the Paris Olympics are held, were analyzed. Only nine texts published on the website about judo were identified, most of which are coverage of Brazilian achievements in international competitions, without systematic follow-up of the sport.

Keywords

sports journalism; judo; *Globo Esporte*; other sports; content analysis.

¹ Professor do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio doutoral na New York University (NYU). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0135-561X> Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/9598143708104571>.

Introdução

Conforme dados do site oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), até as Olimpíadas de Tóquio, disputadas em 2021, o Brasil conquistou 150 medalhas, sendo 37 de ouro, 42 de prata e 71 de bronze. A modalidade esportiva que mais trouxe medalhas para o País foi o judô, com 24, seguido por: vela (19), atletismo (19), natação (15), vôlei de praia (13) e vôlei de quadra (11). No mundo ocidental, o reconhecimento da popularidade do esporte criado em 1860 pelo educador japonês Jigoro Kano (1860-1938) acontece inicialmente nas Olimpíadas de Tóquio de 1964, quando o judô é incluído como um esporte demonstrativo e, posteriormente, nos Jogos de Munique de 1972, quando medalhas olímpicas da modalidade passam a ser disputadas.

No Brasil, de acordo com a Confederação Brasileira de Judô (CBJ), são aproximadamente 3.700 instituições de ensino que ofertam a prática do esporte, além de 1.952 clubes federalizados. Ainda segundo a entidade, o número de atletas federados, aptos a disputar competições, fica em torno de 85 mil, além dos praticantes eventuais, que elevam o número para 2,5 milhões de brasileiros.

Diante do histórico e dos números apresentados, surge a questão: como é feita a cobertura do esporte pelos veículos de jornalismo esportivo brasileiros? Esta é uma pergunta ampla, portanto, para encontrar pistas para tal resposta, definiu-se como objeto de pesquisa para este artigo a cobertura feita pelo site do programa de televisão esportivo mais conhecido do Brasil e que pertence ao maior conglomerado midiático do País: o *Globo Esporte*, da *Rede Globo de Televisão*. Para tanto, foram selecionadas postagens que contêm textos e vídeos publicados pelo site no mês de março de 2024 que abordam o tema judô.

Assim, o presente artigo tem como objetivo entender como um esporte com tamanha penetração na sociedade brasileira é representado e discutido pela mídia, além de analisar como é feita a cobertura do judô a partir dos preceitos destacados por autores que trabalham com jornalismo esportivo e jornalismo de maneira geral. A pesquisa se justifica porque o judô não é apenas uma prática esportiva popular no Brasil, mas, também, uma atividade com profundo impacto social, promovendo valores como respeito e superação, especialmente quando praticado pelo público infantojuvenil. Investigar como o judô é abordado pelos principais meios de comunicação esportivos, como o site do *Globo Esporte*, permite uma análise crítica sobre a visibilidade (ou falta dela) desse esporte. Além disso, compreender como o judô é retratado pela mídia pode oferecer olhares valiosos sobre o papel da imprensa na cobertura esportiva para além do futebol.

Para cumprir o objetivo estabelecido, inicialmente, é feita uma contextualização do jornalismo esportivo no Brasil. Posteriormente, são apresentados a metodologia e o objeto de estudo, além das categorias selecionadas com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Por fim, é traçada a análise com as inferências e interpretações dos resultados obtidos. Acredita-se que a pesquisa possa contribuir para os estudos sobre o jornalismo esportivo e a formação de uma imprensa esportiva mais democrática.

Jornalismo esportivo no Brasil: crítica sobre um olhar unidirecional

Historicamente, no Brasil, o jornalismo esportivo quase sempre esteve relacionado ao futebol. Coelho (2009) comenta que, na década de 1910, o esporte já era abordado pelo jornal *Fanfulha*, de São Paulo. “A *Fanfulha* é até hoje a grande fonte de consulta dos arquivos do Palmeiras sobre as primeiras décadas do futebol brasileiro” (Coelho, 2009, p. 8). No entanto, nos jornais do Rio de Janeiro do início do século XX, o futebol perdia espaço para outros esportes, tais como remo e hipismo. Em um primeiro momento, tanto o público quanto os profissionais da imprensa olharam com desconfiança para o esporte importado da Inglaterra.

“No início do século XX, o principal tema esportivo discutido em jornais e revistas não eram os jogos pelos campos das principais cidades, mas os benefícios ou prejuízos que esse esporte poderia trazer” (Ribeiro, 2007, p. 27). Com o tempo, porém, a situação se inverteu. O futebol passou a dominar o espaço dedicado aos esportes, primeiro nos jornais e revistas, mais tarde no rádio e na TV e, contemporaneamente, nos veículos que trabalham com jornalismo esportivo na internet. Até mesmo os autores que abordam a temática em artigos e livros dedicam poucas páginas para o que geralmente é chamado de *outros esportes*.

Todavia, vale lembrar que conceitualmente o jornalismo esportivo “é uma área dentro do jornalismo especializado que, através das técnicas e métodos de produção jornalística, dão conta do universo do esporte” (Ritter, 2021, p. 281). Assim, as práticas de jornalismo esportivo seguem as prerrogativas técnicas, profissionais e éticas inerentes ao jornalismo enquanto campo profissional.

Dentro do universo da cobertura esportiva, porém, há as suas próprias divisões. “Nas editorias de esporte, geralmente fica bem separada a equipe que se dedica a futebol da que faz outras modalidades” (Coelho, 2009, p. 36). Tal constatação demonstra como os veículos priorizam a cobertura acerca do esporte mais popular do País em detrimento dos demais. O que se questiona neste artigo, entretanto, não é que os outros esportes tenham espaço exatamente igual ao do futebol ou de que os veículos façam uma cobertura que desagrade ao seu público, mas, sim, que a cobertura feita, especialmente na internet, em que há amplo espaço para um acompanhamento mais democrático, a abordagem seja mais intensa e multidirecional.

O que acontece na prática é que, quando um jornalista se especializa em um esporte para além do futebol, ele torna-se destacado para a cobertura poliesportiva de maneira geral. “Com as redações, em geral subdivididas em futebol e área poliesportiva, o jornalista que faz basquete, por exemplo, acaba também fazendo vôlei, atletismo ou boxe, mesmo que goste ou se dedique mais a um desses esportes” (Unzelte, 2009, p. 97).

E como se chegou a essa situação de termos uma sobrerrepresentação do futebol no jornalismo esportivo brasileiro em detrimento das demais modalidades? Ora, como revelam autores como Coelho (2009) e Unzelte (2009), assim como a popularização do futebol fez com que a imprensa olhasse cada vez mais para o esporte no

século passado, a cobertura midiática ajudou a ampliar o interesse dos brasileiros pelo esporte. Pode-se observar esse fenômeno ao lembrarmos os textos de Nelson Rodrigues, que mencionam em suas crônicas das décadas de 1950, 1960 e 1970, reunidas no livro *À sombra das chuteiras imortais* (Rodrigues, 1998), a baixa autoestima da torcida em relação à sua seleção.

Entretanto, o cronista era um defensor do time brasileiro, autodeclarando-se uma exceção por seu otimismo. Para além das crônicas de Nelson Rodrigues, os textos de seu irmão, Mário Filho, também ajudam a mudar a imagem que o brasileiro tinha do seu próprio futebol. “As crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho tinham vida própria, nem bem podiam ser chamadas de jornalismo” (Coelho, 2009, p. 21).

Os anos se passaram, a imagem que o brasileiro tinha dele mesmo mudou, e veio o tricampeonato mundial em 1970, na Copa do Mundo do México, em meio à ditadura militar e quando o rádio já era um veículo de comunicação consolidado e a televisão começava a se popularizar. Desde então, a imagem do brasileiro mudou, deixando de se autoproclamar o povo mais triste para se considerar o mais feliz do mundo, em parte graças ao sucesso e à popularização do futebol, tudo com a animada cobertura dos jornais e revistas, do rádio e da televisão.

Pois é no País tricampeão do mundo, que tem Pelé e os jogadores mais badalados do Planeta, que, em agosto de 1978, surge o programa *Globo Esporte* (GE), produzido e veiculado pela *Rede Globo*. Rapidamente, o noticiário esportivo se tornou o mais popular do Brasil sobre a temática, ganhando a sua página na internet a partir de 2005. Ao longo de todos esses anos, a seleção brasileira de futebol chegou ao pentacampeonato mundial e importou boa parte de seus craques para o endinheirado futebol europeu.

Contudo, durante esse período, outros esportes também se desenvolveram e cresceram, tanto no número de praticantes, quanto de torcida. O judô, por exemplo, passou a se tornar esporte olímpico e o Brasil logo se tornou uma potência nessa modalidade. Muitos esportes também tiveram um crescimento significativo no País, como o basquete, o vôlei, o atletismo, a canoagem, entre outros; porém, as coberturas de tais segmentos nunca conquistaram minimamente o mesmo espaço dado ao futebol. A exceção, talvez, sejam os anos em que são disputados os jogos olímpicos de verão.

Entrementes, atualmente, o site do GE define o programa como:

O ‘Globo Esporte’ tem a proposta de trazer para perto do telespectador o espetáculo e a emoção do esporte, além de acompanhar o cotidiano e o trabalho de atletas, destacar exemplos de esportistas e treinadores que superam as dificuldades do dia a dia e mostrar projetos que utilizam o esporte como ferramenta de inclusão social. Dentre as diversas matérias do ‘Globo Esporte’, destacam-se as que mostraram os saltos de ginastas brasileiros, a vitória dos pilotos na Fórmula 1; os títulos das seleções de vôlei; os gols e a festa das torcidas nos campeonatos nacionais e estaduais de futebol².

² Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 1 abr. 2024.

Ou seja, não há nenhuma explicitação na proposta apresentada pelo programa de priorizar o futebol. Todavia, é o que acontece tanto no programa que vai ao ar na TV aberta pela *Rede Globo*, quanto na cobertura feita pelo site do programa online. De maneira geral, como é abordado adiante, geralmente, os judocas brasileiros ganham destaque na cobertura do *GE* apenas após conquistarem medalhas internacionais.

Além dos motivos já apontados para essa sobrerrepresentação futebolística, a própria formação dos jornalistas esportivos – que, muitas vezes, chegam sedentos para trabalhar com futebol nas redações – pode levar a esse olhar indiferente acerca de outras modalidades. “Mas acho que o mais importante na reportagem é o olho de quem conta a história” (Linhares, 2006, p. 56), comenta o jornalista esportivo André Bicudo Plihal. O problema, contudo, é quando o repórter esportivo passa a ter olhos apenas para um esporte: o futebol.

Procedimentos metodológicos

Para a realização do artigo, optou-se pela Análise de Conteúdo, de Bardin (2011). Entrementes, vale ressaltar que entendemos os procedimentos metodológicos como um guia aberto para a realização da pesquisa, ou seja, considera-se que “a técnica (a metodologia) é uma forma de desencobrimento. Faz o encoberto vir à tona. Mas o faz conforme o seu padrão” (Silva, 2011, p. 19-20). Não se busca nesta pesquisa, portanto, nenhum tipo de submissão a algum método fechado, pois “quando o pesquisador se submete à metodologia, perde o caminho do descobrimento” (Silva, 2011, p. 20).

Feita essa observação, destaca-se que a Análise de Conteúdo é “um conjunto de instrumentos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 2011, p. 15). Herscovitz, por sua vez, compara o trabalho do pesquisador ao de detetives que busca pistas “que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos, e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados” (Herscovitz, 2008, p. 123).

Bardin (2011) apresenta as três etapas da Análise de Conteúdo, utilizadas nesta pesquisa: a primeira fase, é a pré-análise, que remete a um estágio de organização. Nesse passo, o pesquisador escolhe o material a ser submetido à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, além da elaboração dos indicadores para a interpretação final. A segunda fase é a de exploração do material. “Se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas” (Bardin, 2011, p. 131). Por fim, a terceira prevê o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nessa etapa, os resultados brutos são tratados para serem significados e validados. Para tanto, outro elemento importante é a inferência. Para a autora, o interesse dos resultados está, sim, “no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’” (Bardin, 2011, p. 44). A inferência consiste no processamento de derivação feita a partir dos dados e tidos como verdadeiros.

Assim, primeiro foi escolhido como objeto de análise a página do programa de televisão esportivo *Globo Esporte* na internet. Conforme mencionado, o *GE* é o principal programa de televisão esportivo da TV aberta brasileira e também se tornou uma referência nas produções online. Com as amplas possibilidades oferecidas pela internet, o site apresenta em sua página inicial os principais destaques do dia, geralmente dando ênfase ao futebol. Na opção *menu*, porém, o público pode encontrar outras 28 editorias, que vão desde vôlei, surfe e fórmula 1 até poker e esports (games). O judô, contudo, não tem uma editoria específica.

Para o usuário encontrar o esporte criado por Jigoro Kano como uma maneira de desenvolver o atleta fisicamente, moralmente e espiritualmente (Kano, 2009), ele deve clicar na opção *outros esportes*, que é apenas uma das 28 editorias que aparecem em menu. Entende-se, aqui, que “as editorias se responsabilizam cada uma por determinado assunto, permanente ou transitório [...]”. Para cada seção do jornal há uma Editoria, com um responsável por ela e a quem cabe orientar as matérias referentes a determinado assunto” (Erbolado, 1991, p. 227). Em outras palavras, o judô não aparece nem na capa do site, nem nas 28 editorias apresentadas pelo site do *GE*, mas, sim, como uma subeditoria, ou uma subcategoria da opção *outros esportes*.

Encontrando o item *judô* dentro da editoria *outros esportes*, definiu-se o recorte temporal do mês de março de 2024 para a presente análise. A escolha se deu por dois motivos principais, a saber: 1) por ser o mês mais recente no momento em que a análise foi feita; e, 2) o mês de março é marcado pela intensificação das competições esportivas e, no caso do judô, ele se enquadra como esporte olímpico, e, em 2024, são disputadas as Olimpíadas de Paris.

Delimitado o objeto e feito o recorte temporal, partiu-se para a pré-análise, na qual foram identificadas três categorias principais. A definição das categorias foi feita baseada, principalmente, em perspectivas práticas e teóricas do jornalismo e do jornalismo esportivo. Assim, a primeira é a *cobertura de evento*, que é quando a pauta abordada na matéria se relaciona com alguma competição de judô, afinal, uma das características do jornalismo esportivo, inclusive do *online*, é a cobertura das disputas. “Todos os portais, no geral, trabalham dessa maneira, pois de certo modo são reféns do calendário e não há como fugir do mecanismo” (Frangé, 2016, p. 77).

A segunda categoria é chamada de *personagem*, que é quando o texto aborda a trajetória de vida de algum(a) judoca, que, geralmente, visa a aprofundar uma história de superação. “Ao ter uma ação empática com a pessoa entrevistada, jornalistas terão condições de lidar com as diferenças e ter assim mais possibilidades de produzir narrativas menos reducionistas” (Maia, 2021, p. 129). Por fim, a última categoria foi nomeada de *inesperado*, que se trata de “aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística” (Traquina, 2005, p. 84).

Ainda sobre os procedimentos metodológicos, vale ressaltar que esta pesquisa se caracteriza por ser do tipo exploratória, pois pretende “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Minayo, 1994, p. 44). Além disso, para

a análise, foram utilizados recursos da pesquisa qualitativa, que “lida com o universo da subjetividade, das motivações e elementos pessoais de alguém” (Martino, 2018, p. 99), além da pesquisa quantitativa, pois também são numeradas e calculadas as repetições das categorias, “quantificando algum aspecto do comportamento humano” (Martino, 2018, p. 103). Feitas essas considerações, na sequência é feita a análise dos textos jornalísticos publicados sobre a temática *judô* no mês de março de 2024 pelo site do *GE*.

A tímida (e precária) cobertura do judô pelo site do GE

Antes de apresentar e interpretar os textos publicados pelo site do *GE* em março de 2024, é importante mencionar que durante a realização da pré-análise já foi possível perceber a falta de importância atribuída pelo veículo em relação à prática do judô. Primeiro, é visível a sobre-representação do futebol que em todos os dias do mês analisado ocupou integralmente o destaque da página de abertura do *GE*. Segundo, o judô não é apresentado como uma editoria única dentro do menu. Terceiro, a modalidade acaba aparecendo como uma sub-editoria dentro de outros esportes; enquanto até mesmo *NFL* (campeonato de futebol americano dos Estados Unidos) e esportes (torneios de vídeo *game*) têm editorias próprias. Por fim, observando rapidamente os conteúdos publicados sobre judô, já chama a atenção o grande intervalo temporal entre a data de publicação de um texto para outro, o que, no caso do mês de março, resultou na postagem de apenas nove matérias no intervalo de 31 dias.

Na tabela a seguir, é possível observar tais elementos. Para facilitar a compreensão da análise, é exposta a categoria de cada texto conforme a categorização mencionada anteriormente. Também foi incluído o item *vídeo*, que se refere à fonte do audiovisual postado com a matéria no site do *GE*. Mesmo se tratando de um portal de um programa de televisão, não foi identificada a publicação de nenhuma matéria produzida para o telejornal esportivo da TV aberta junto ao texto do site quando o assunto é judô.

Tabela 1 – Textos publicadas pelo site do GE sobre judô em março de 2024

Nº	Título da matéria	Data	Categoria	Vídeo
1	Willian Lima fatura bronze para o Brasil no <i>Grand Slam</i> de Tashkent	01/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
2	Promessa do judô aos 16 anos recorre a rifas e bingo para custear preparação visando o Mundial	01/03	Personagem	Arquivo pessoal
3	Larissa Pimenta conquista o ouro no <i>Grand Prix</i> da Áustria de judô	08/03	Cobertura de evento	<i>Jornal Hora 1</i>
4	Leonardo Gonçalves e Beatriz Souza conquistam o ouro no <i>Grand Prix</i> da Áustria de judô	10/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
5	Rafaela Silva e William Lima são bronze no <i>Grand Slam</i> de judô	22/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
6	Georgiana conquista o ouro e é pedida em casamento no <i>Grand Slam</i> de Tbilisi	22/03	Inesperado	Transmissão Sportv
7	Guerreira! Atleta de judô luta contra doença autoimune e conquista vaga em competição regional	27/03	Personagem	Sem vídeo
8	Jéssica Lima é prata na etapa de Antalya do <i>Grand Slam</i> de judô	29/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv
9	Guilherme Schimidt conquista o bronze no <i>Grand Slam</i> da Turquia	30/03	Cobertura de evento	Transmissão Sportv

Fonte: Elaboração própria

Quantitativamente, a categoria que mais aparece é a cobertura de evento. No total, são seis textos com coberturas factuais sobre a conquista de medalhas por brasileiros em quatro competições internacionais: *Grand Slam* de Tashkent (Uzbequistão), *Grand Prix* da Áustria, *Grand Slam* de Tbilisi (Georgia) e *Grand Slam* de Antalya (Tur-

quia). Todos esses torneios fazem parte do processo classificatório para as Olimpíadas de Paris, pois, as vagas para a competição foram distribuídas a conforme a classificação dos atletas no *ranking* mundial, que considera os pontos conquistados entre junho de 2022 e junho de 2024. Assim, no cenário nacional, não houve competição na categoria *sênior* (acima de 21 anos). Entretanto, não foi encontrada nenhuma referência às etapas regionais do campeonato brasileiro que teve início no dia primeiro de abril de 2024.

Essa ausência demonstra que não há uma cobertura sistemática do site sobre o esporte em território nacional, com o acompanhamento sendo feito apenas quando há atletas brasileiros conquistando medalhas internacionais. Aliás, todas as seis matérias sobre judô publicadas pelo *GE* em março na categoria *cobertura de eventos* abordaram a com

Ou seja, as publicações ocorreram após o término das competições, não sendo feita a exposição da preparação e do treino dos atletas, muito menos foi anunciado o início do certame para informar ao público, por exemplo, quais atletas iriam competir e aonde assistir as lutas. Mesmo tendo as diversas possibilidades oferecidas pelo universo *online*, o site do *GE* não deu conta de cobrir o esporte que mais deu medalhas olímpicas ao Brasil até as Olimpíadas de 2024. "A demanda de conteúdo nos sites especializados em esportes é enorme, e todo o veículo de comunicação expressivo procura ao menos registrar tudo o que acontece no meio" (Frange, 2016, p. 75).

Ainda em relação à cobertura de eventos, chama a atenção que todas as matérias tiveram a assinatura de *Por redação GE*, sendo nenhuma assinada pelo repórter que a escreveu. Já nos vídeos que acompanham o texto, em todos os casos dessa categoria, foram postadas as transmissões da luta em questão feita pelo canal de TV por assinatura *Sportv*, integrante da Rede Globo. Na primeira matéria, intitulada "Willian Lima fatura bronze para o Brasil no *Grand Slam* de Tashkent", é descrita a trajetória da conquista do atleta Willian Lima na competição, bem como as participações de Natasha Ferreira e Rafaela Silva: "Campeã olímpica e bi mundial, Rafaela Silva caiu na estreia da categoria até 57kg no Uzbequistão", informa já no lide do texto.

No mesmo formato, o site do *GE* publicou uma semana depois a conquista da medalha de ouro pela atleta Larissa Pimenta, na publicação da notícia "Larissa Pimenta conquista o ouro no *Grand Prix* da Áustria de judô". Com uma linguagem informativa, típica do texto noticioso, a matéria menciona o confronto entre duas atletas brasileiras que ocorreu antes da final: "Depois, a judoca enfrentou a também brasileira Jéssica Pereira e foi para a final contra a suíça Binta Ndiaye, número 28 do *ranking*".

Nesse aspecto, o texto do *GE* cumpre o que se propõe a fazer: informar. "O jornalismo é uma conversa por escrito, simples e atual, entre um veículo de comunicação de massa e seus leitores" (Erbolato, 1991, p. 105). Em outras palavras, nas poucas matérias publicadas, a informação é passada de forma correta e transparente, com a publicação do vídeo da luta. Contudo, outras matérias e grandes reportagens sobre pautas para além da cobertura factual poderiam ser feitas, bem como a publicação de textos antes do início das competições e o acompanhamento da preparação dos judocas.

O que se destaca na postagem sobre Larissa Pimenta é que essa é a única, dentre as nove publicadas em março, que incluiu uma matéria em vídeo editada e produ-

zida por jornalistas, publicada pelo noticiário *streaming* do *Globoplay*, *Jornal Hora Um*. Nos demais casos, houve a publicação de apenas um recorte da transmissão das lutas editado a partir da transmissão do canal *Sportv*, ou seja, não são notícias ou reportagens televisivas, com a gravação de passagens e declarações das fontes.

Os textos “Leonardo Gonçalves e Beatriz Souza conquistam o ouro no Grand Prix da Áustria de judô”, “Rafaela Silva e William Lima são bronze no *Grand Slam* de judô”, “Jéssica Lima é prata na etapa de Antalya do *Grand Slam* de judô” e “Guilherme Schimidt conquista o bronze no *Grand Slam* da Turquia” seguem com o mesmo estilo informativo, sempre fazendo menção à conquista de medalha por algum(a) atleta brasileiro.

No texto da matéria, nas seis publicações da categoria, inicialmente, é apresentado o *lide* contendo as informações básicas sobre o fato noticioso, para depois ser brevemente narrada a trajetória dos brasileiros dentro do certame, com uma breve descrição da luta que resultou na medalha, como ocorre, por exemplo, no seguinte trecho da notícia que trata da conquista do bronze por William Lima: “Com menos de 30 segundos de luta, ele garantiu a vitória e conquistou a medalha de bronze na categoria até 66kg masculina. Foi sua segunda medalha consecutiva em *Grand Slams*”. Não há, no entanto, nenhuma referência a qual foi o golpe aplicado pelo judoca ou qualquer outra informação técnica do esporte. O público que apenas lê o texto não fica sabendo se a vitória foi obtida por uma projeção, que, conforme Kano (2009), é quando um atleta derruba o outro no tatame com o uso do seu próprio corpo, ou se foi resultado de uma imobilização no solo.

A ausência de detalhes e descrições demonstra a timidez da cobertura do *GE* em relação ao judô, principalmente na comparação com o futebol, afinal, ignora-se uma das principais características do jornalismo esportivo, que é o apelo à emoção. “A emoção está nos gramados, nas pistas, nas piscinas, nos ringues, nas quadras e em todas as praças esportivas” (Schinner, 2004, p. 81). Ou seja, nos textos do *GE* que cobrem competições de judô os jornalistas abriram mão de um dos principais recursos utilizados pelo jornalismo esportivo.

Todas as características elencadas anteriormente para a cobertura de eventos também aparecem na publicação da única matéria que se enquadra na categoria *inesperado*. O texto “Georgiana conquista o ouro e é pedida em casamento no *Grand Slam* de Tbilisi” conta com apenas três parágrafos e também leva a assinatura *Por redação GE*. O tema principal é resumido no primeiro parágrafo: “Teve pedido de casamento no primeiro dia de lutas do *Grand Slam* de Tbilisi. Competindo em casa, Eteri Liparteliani conquistou a medalha de ouro na categoria até 57kg e em seguida recebeu o pedido de casamento do seu companheiro Temur Nozadze”. Após o primeiro parágrafo, é colocado o vídeo com o momento do pedido que foi transmitido ao vivo pelo *Sportv*. Nesse caso, o judô se tornou notícia muito mais pelo caráter inusitado do acontecimento do que pela prática esportiva.

Notícia é, na técnica de jornalismo, a informação sobre uma pessoa ou um acontecimento, fato novo, inédito ou inusitado, capaz de provocar

impacto, interesse ou despertar a curiosidade das pessoas. Será mais notícia ou provocará mais impacto se interessar a um número maior de pessoas (Cotta, 2005, p. 76).

Ou seja, o *GE* se valeu dos chamados critérios de noticiabilidade ou valores-notícia para selecionar este acontecimento para ser noticiado, entre tantas outras pautas relacionadas ao judô. O que é passível de questionamento, porém, é a ausência de abordagens que refletissem uma cobertura sistemática das competições e do esporte.

Por fim, chega-se à última categoria elencada para a presente análise: *personagem*. No total, foram identificados dois textos que se enquadram nessa categoria e que podem ser chamados de reportagens, entendendo reportagem como “o relato mais elaborado, com texto minucioso e envolvente, que aprofunda o conhecimento sobre determinado assunto” (Boff, 2021, p. 115). Ou seja, são textos que exploram a história de um personagem contando uma jornada de superação. O primeiro, publicado no dia 1º de março, está intitulado como: “Promessa do judô aos 16 anos recorre a rifas e bingo para custear preparação visando o Mundial”.

Assinada pela jornalista Raylane Martins (2024) são narradas as dificuldades financeiras enfrentadas pela judoca paranaense Nycolly Carneiro para conseguir participar do campeonato mundial de judô agendado para agosto de 2024 no Turquemenistão, país localizado na Ásia Central. O vídeo que acompanha a matéria foi retirado do acervo pessoal da atleta e apresenta um treino dela com som ambiente. Com um estilo mais pessoal do que na notícia informativa, a jornalista se preocupa em humanizar a personagem:

Kimono, treinamento, preparação física, aulas complementares, passagens, hospedagem, alimentação... Tudo isso faz parte da rotina de Nycolly no judô – e não sai barato. Ela recebe ajuda de programas federal (Bolsa Atleta), estadual (Geração Olímpica) e municipal, mas ainda assim a família precisa se empenhar no financiamento do sonho da faixa preta (Martins, 2024).

No texto principal, é contada a história da atleta no dojo – espaço onde ocorrem os treinamentos de judô (Kano, 2009) – o que também caracteriza o texto como um perfil escrito acerca de um personagem. “O perfil jornalístico é um texto biográfico curto (também chamado short-term *biography*) publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes na vida de um indivíduo, famoso ou não” (Vilas Boas, 2002, p. 93). No título da reportagem, ainda chama a atenção a síntese do drama da atleta, que é líder do *ranking* brasileiro sub-21: a necessidade de vender rifas e organizar bingo para poder levantar recursos para disputar uma competição internacional.

Tal informação pode despertar uma leitura crítica acerca da divisão de recursos para o esporte no Brasil, pois, seria inimaginável o mesmo acontecer com qualquer categoria de base da seleção brasileira de futebol. Além de contar a trajetória da atleta, o texto traz declarações dela, de familiares e da comissão técnica. “Foram muitas doa-

ções, rifas e bingo para chegar até aqui, porque sozinhos já não éramos mais capazes de arcar com os custos”, revela a mãe, por exemplo.

O texto também conta com um intertítulo, algo que não foi identificado nas coberturas de evento: “Turquemenistão é logo ali”. Nesse trecho, a jornalista utiliza mais declarações das fontes e passa informações sobre o evento, como data e local, além de outras competições que a jovem atleta vai disputar até lá.

O último texto a ser analisado é “Guerreira! Atleta de judô luta contra doença autoimune e conquista vaga em competição regional”, que conta uma história de superação de uma judoca. Nele, destaca-se o uso de um adjetivo com ponto de exclamação logo no título: “Guerreira!”. Assim como no caso anterior, o repórter Almeida (2024) explora a emoção para dar ênfase ao perfil apresentado, no caso Julia Kamily, judoca de 15 anos de idade, diagnosticada com Artrite Reumatoide. Nessa postagem, não é incluído nenhum vídeo, e, sim, cinco fotografias com medalhas e com a mãe, no hospital.

Nesse caso, ao contrário do texto anterior, a história de vida vai além do esporte, incluindo uma breve narrativa sobre a infância e o tratamento médico à qual a atleta foi submetida. “Ela é uma guerreira! Muita gente me dizia que a Júlia iria ficar em uma cadeira de rodas, mas ela está aí, já venceu diversos campeonatos e o esporte salvou a vida da minha filha”, declarou a mãe da judoca.

Esses dois textos da categoria *personagem* demonstram que há muito a ser explorado pelo jornalismo esportivo, especialmente quando o assunto são outros esportes, que não o futebol. A jornalista Denise Mirás faz essa reflexão ao comentar a cobertura que fez acerca da disputa olímpica do atletismo.

Um jornalista interessa-se pelas pessoas, suas vidas, seu mundo. É, necessariamente, curioso. Um jornalista de esportes que acompanhe atletismo pode entrar em desespero trabalhando em uma competição. Ali, em cada raia, em cada prova, também correm e saltam dezenas de histórias. Cada uma é diferente, nem melhor, nem pior. Todas podem ser percebidas e bem contadas, a ponto de chamar a atenção do leitor, do ouvinte, do telespectador, levá-lo a também se interessar por elas (Mirás, 2005, p. 80).

O mesmo princípio vale para o judô e para os outros esportes que ficam sempre escondidos, quase apagados por trás do brilho midiático que quase cega de tanto enaltecer o futebol no Brasil.

Para concluir a análise, podemos inferir que há poucos aspectos positivos e muitos negativos no tratamento dado pelo site do *GE* ao judô – ao menos é o que indica a mostra obtida a partir do recorte temporal realizado. Como positivo, pode-se destacar as duas reportagens-perfis feitas sobre duas jovens judocas que superaram dificuldades para poder seguir competindo.

Todavia, mesmo nesses casos, não houve nenhum questionamento pela falta de apoio às categorias de base do judô em um paralelo que poderia ser feito, por exemplo, em relação aos clubes de futebol. Obviamente, os times de futebol contam com mais recursos, mas tais valores são oriundos, principalmente, de patrocinadores e mensali-

dades de sócios-torcedores. Poderia surgir, portanto, a questão: e por que as empresas privadas e públicas não se interessam em patrocinar clubes e atletas de judô? Será que a pouca visibilidade dada por veículos que cobrem esportes de maneira geral não influenciam nessa realidade? Esse é um questionamento que pode ser feito para nortear outras pesquisas.

Ainda ao que se refere à cobertura feita pelo *GE* sobre o judô, negativamente vale apontar a inexistência de uma cobertura sistemática do esporte. As notícias são publicadas apenas após atletas brasileiros ganharem medalhas internacionais, ou seja, caso nenhum atleta conquiste medalha o site do *GE* não publica nenhuma informação sobre as competições que estão em andamento. Além disso, não foram publicados textos antes das competições, informando regulamento dos certames, pontuação para a classificação olímpica, origem e trajetória dos atletas, horários e onde assistir as lutas (mesmo com o *Sportv* fazendo a transmissão ao vivo desses campeonatos internacionais).

Também não foi publicado nada sobre os preparativos e o calendário das etapas regionais do campeonato brasileiro de judô que começou no dia primeiro de abril. Ou seja, percebe-se não apenas uma timidez na cobertura, mas até mesmo uma precariedade, quase um amadorismo, na atenção dada pelo site do *GE* sobre o esporte que mais trouxe medalhas olímpicas para o Brasil até as Olimpíadas de Paris de 2024.

Considerações finais

Após a realização desta pesquisa, no que concerne ao espaço do site do *GE* dedicado ao judô, uma crítica contundente se faz necessária diante da flagrante negligência em cobrir um dos esportes mais vitoriosos da história olímpica do Brasil. Mesmo inserido em um conglomerado de comunicação de grande porte, a cobertura oferecida está longe de ser abrangente ou informativa o suficiente para atender às expectativas dos fãs e entusiastas do judô.

Isso foi visto, por exemplo, quando observado que sequer há uma editoria específica para esse esporte no *menu* da página inicial do site. Além disso, a ausência de acompanhamento da preparação dos atletas e a falta de análise durante as competições revelam uma desconexão alarmante com a riqueza e a relevância desse esporte em solo nacional. Mesmo tendo diversas possibilidades oferecidas pelo universo *online*, o site esportivo que tem maior representatividade entre os fãs de esporte do País fica muito a desejar quando o assunto é judô.

Dito isso, vale ressaltar que o presente artigo cumpriu com o seu objetivo principal, que era entender como o judô é representado pela mídia – no caso, o *GE* – analisando a cobertura feita sobre o judô a partir dos preceitos trabalhados por autores do jornalismo esportivo e do jornalismo em geral. Conforme observado, em alguns casos específicos, como nas duas reportagens-perfis publicadas sobre jovens atletas que superaram dificuldades para seguir no esporte, realizou-se uma cobertura mais detalhada.

Porém, nas demais categorias, foram feitas apenas cobertura factuais e que, mesmo assim, não deram conta minimamente de informar o público sobre o que está acontecendo no judô brasileiro. Um exemplo disso é a ausência de notícias sobre a preparação dos atletas ou de competições que estão para começar. Em todos os textos postados, a matéria foi publicada apenas depois do término da competição, destacando somente atletas que conquistaram medalha.

Enquanto isso, o judô brasileiro continua sendo praticado em todo o território nacional e internacional, disputando medalhas e títulos que mereceriam maior destaque e reconhecimento por parte da mídia esportiva, que divulga enfaticamente as conquistas do futebol não apenas internacionalmente, mas também nacional e regionalmente. No judô, inclusive, a história recente está repleta de feitos notáveis, como as medalhas de ouro conquistadas por atletas como Rafaela Silva e Sarah Menezes nas Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, além das conquistas de Mayra Aguiar, Rafael Silva e tantos outros que não contam nem com os mesmos recursos monetários, nem com a mesma visibilidade dos jogadores de futebol.

Destarte, encerra-se este artigo ressaltando que faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre a temática, esperando que ele possa contribuir para as reflexões teóricas e práticas sobre o jornalismo esportivo brasileiro. Também se espera que tal pesquisa possa incentivar outros trabalhos que analisem criticamente a cobertura jornalística feita (ou mal feita?) acerca dos chamados “outros esportes”, que ficam sempre à sombra do badalado, milionário e ultramidiático futebol.

Referências

ALMEIDA, Patryck. Guerreira! Atleta de judô luta contra doença autoimune e conquista vaga em competição regional. Rio de Janeiro: **Globo Esporte**, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ap/noticia/2024/03/27/guerreira-atleta-de-judo-luta-contradoenca-autoimune-e-conquista-vaga-no-campeonato-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 7 de abr. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOFF, Felipe. Reportagem. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo** – redação e reportagem. Florianópolis: Insular, 2021. p. 115-120.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2009.

COTTA, Pery. **Jornalismo** – teoria e prática. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

FRANGE, Marcelo Bechara Souza Nassar. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. São Paulo: Appris, 2016.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia.; BENETTI, Márcia. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 123-142.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2009.

LINHARES, Marcos. **Nos bastidores do jornalismo esportivo**. São Paulo: Celebris, 2006.

MAIA, Marta. Perfil. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo** – redação e reportagem. Florianópolis: Insular, 2021. p. 127-132.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação** – projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINS, Raylane. Promessa do judô aos 16 anos recorre a rifas e bingo para custear preparação visando o Mundial. Rio de Janeiro: **Globo Esporte**, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/noticia/2024/03/01/promessa-do-judo-aos-16-anos-recorre-a-rifas-e-bingo-para-custear-preparacao-visando-o-mundial.ghtml>. Acesso em: 6 abr. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.), **Pesquisa social** – teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRÁS, Denise. Personagens e personas – As diversidades do atletismo e do vôlei espelham disparidades originais. In: VILAS BOAS, Sérgio. **Formação & informação esportiva**. São Paulo: Summus, 2005. p. 77-94.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RITTER, Eduardo. Esporte. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo** – redação e reportagem. Florianópolis: Insular, 2021. p. 181-186.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**. São Paulo: Panda Books, 2004.

SILVA, Machado da. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – Volume II. Florianópolis: Insular, 2005.

UNZETTE, Celso. **Jornalismo esportivo** – relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & biógrafos** – jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

Recebido em: 01 mai. 2024
Aprovado em: 20 mai. 2024